

# **ETHOS E PSYCHÉ: UM ENSAIO TEÓRICO ACERCA DA PRÁXIS NECESSÁRIA NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO DE ABORDAGEM PSICANALÍTICA**

2019

**Lucas Nobre Gadêlha**

Graduando em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO (Brasil)

E-mail:

[nobrelg@gmail.com](mailto:nobrelg@gmail.com)

---

## **RESUMO**

O psicólogo se apresenta com um papel social muito singular e delicado quando se dispõe a ouvir cada material subjetivo do sujeito que analisa, por muitas vezes um material denso e angustiante que vai cobrar desse profissional um preparo e cuidado pessoal para não deixar nenhum conteúdo se tornar adoecedor. O presente ensaio diz respeito a essa problemática existente dentro do âmbito clínico, que por muitas vezes apresentam profissionais que não se encontram preparados para atuar na área e vai de encontro com a ética necessária do exercício da profissão, tendo como objetivo conscientizar e promover uma maior atenção à formação desses profissionais durante a formação acadêmica sobre a ética.

**Palavras-chave:** Ética profissional, psicanálise, formação clínica.

Copyright © 2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



## INTRODUÇÃO

Este ensaio teórico diz respeito à ética que se faz essencial para os psicólogos em formação ou já formados, abordando de forma mais profunda a questão do preparo do profissional que estará exercendo sua função dentro da clínica e de como a falta da ética para si mesmo e para com o outro pode influenciar de forma negativa. Partindo do pressuposto da clínica psicanalítica, onde ocorrem uma série de fenômenos altamente particulares e delicados, se faz necessário, por exemplo, que o analista tenha boas defesas egóicas para que permita a transferência ideal durante a análise e seu ego permaneça sob controle, além do arcabouço teórico necessário para realizar as amarrações, e a ausência desse padrão pode ser considerada uma falta de compromisso com a psicologia e com a ética profissional.

A escolha desse tema se deu pela problemática de existirem pessoas que não se encontram numa condição que as tornem aptas para assumir um posto dentro de um espaço tão honroso e gentil que é a clínica. Portanto, argumentaremos as possíveis problemáticas existentes quanto a questão da ética consigo mesmo e para com o outro, visto que a mesma se faz necessária em todos os âmbitos, mas que dentro da ciência da psicologia ela deve ser enfatizada e promovida de uma forma mais chamativa e conscientizadora.

Em nossa classe trabalhadora, todos os dias, dentro do exercício da profissão, há uma grande demanda de casos que são acompanhados da história singular de cada sujeito que nos traz suas angústias e felicidades e permitem a transferência ao analista dentro do espaço de escuta. O que se faz necessário nesse contexto é o compromisso feito pelo profissional de manter em sigilo a identidade do paciente, e também, não menos importante, o compromisso com a psicologia de estar preparado para lidar com sujeitos frágeis que necessitam de uma escuta mais atenciosa por intermédio de toda a fundamentação teórica que ele aprendeu na academia.

Para além disto, iremos achar formas de argumentar sobre a ética profissional do psicólogo com o objetivo não de criticar, mas sim, de levantar questões como: será que o preparo desse profissional durante sua formação para a clínica é suficiente? ou como podemos preparar esses profissionais para o exercício da profissão juntamente com as questões éticas? e indo mais além: como podemos identificar alguém que não está preparado para atuar na clínica por falta de ética?

A partir destes pressupostos apresentados, estamos aptos para discutir essa problemática apontando os principais pontos presentes na ética profissional juntamente com o fazer psicologia dentro do ambiente de escuta e análise, procurando, em todos os momentos, apontar as deficiências existentes na formação do psicólogo e ao mesmo tempo levantar possibilidades de intervenções para ressignificar as mesmas.

## REFERÊNCIAL TEÓRICO

De início, vamos trazer um pensamento de Reis, Rodrigues e Melo (2010) que define objetivamente a premissa para falarmos de ética em qualquer âmbito, e não apenas em psicologia. Reis, Rodrigues e Melo (2010) nos diz que em todo ambiente profissional irá existir um conjunto de regras e normas para se seguir, com o objetivo de criar um ambiente propício para determinada atividade e também para que as pessoas que participam desse ambiente se enquadrem e assim entrem no “perfil adequado” para exercer tal função. Partindo desse pressuposto, dentro da psicologia, esse perfil adequado seria um profissional que segue, ou deveria seguir, a ética de manter o sigilo da identidade de seus pacientes e priorizar a escuta do outro, seguindo diariamente, piamente e de forma constante ao seu Código de Ética Profissional.

Assim também, para aqueles que praticam pesquisas que envolvem seres humanos em psicologia, é necessário sempre utilizar do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) solicitado pelos Comitês de Ética existentes para promover uma certa segurança para pesquisador e pesquisando (DALLAZEN et al, 2012). La Taille (2010) compartilha conosco que este tipo de ética se refere a ética de ordem pública, algo que está intimamente ligado a política. O uso do TCLE também se torna uma problemática porque os pesquisadores encaram este tipo de documento como apenas um apetrecho obrigatório e preliminar pra realizar uma pesquisa, sem ao menos entender toda a questão que o mesmo traz. O objetivo de esclarecer, como diz o título do documento, se torna falho, logo os participantes também não entendem a importância que existe neste tipo de documento porque a informação muitas vezes não parte dos pesquisadores de forma voluntária, fazendo com que a pesquisa vire um experimento às cegas (BORGES, BARROS, LEITE, 2013).

Para além dos pressupostos acima, se faz necessário apontar a gênese da palavra ética, onde sua origem vem do grego *ethos* e diz respeito ao modo de ser e estar no mundo do sujeito, ou seja, de como o ser humano age em seu dia a dia frente aos desafios éticos diários (GARRAFA, 1999; REIS, RODRIGUES, MELO, 2010). Por outro lado, Silva (2008) nos leva a pensar que a ética está bem mais além de uma perspectiva de valores positivos e negativos ou do bem e do mal dentro do relacionamento do indivíduo com ele mesmo, onde ele enfrenta desafios diários, mas sim está como uma espécie de modo de existência, modo de estar no mundo, onde o indivíduo é movido para a capacidade de agir por meio de alegrias e evitando a tristeza. Se o sujeito se encontra na chamada alegria ativa – que é o que amplia a capacidade de agir – ele passa a agir de uma maneira boa e assim exerce a ética.

O psicólogo precisa exercer a ética muito antes do final de sua formação. Enquanto estudante ele passa por diversas experiências onde se torna possível o contato íntimo com a singularidade de cada sujeito em determinados episódios, existindo aí o primeiro laço com a atitude investigativa

que a psicanálise nos traz como ética: a posição que o analista se coloca para permitir a transferência na análise e manter o sigilo do sujeito que naquele momento permite a interação do profissional com seus conteúdos conscientes e inconscientes (DALLAZEN et al, 2012).

Na medida em que o psicólogo em formação passa pelas experiências de primeiro contato com os conteúdos do outro, já deve-se iniciar a estruturação de sua conduta frente a demanda que chegou e também as que virão mais à frente. Essas experiências são promovidas por meio de estágios curriculares obrigatórios ou de atividades dentro de uma clínica-escola, ou até mesmo de casos compartilhados por professores em sala de aula para psicólogos em formação que necessitam de informações mais específicas sobre determinadas situações (BERNARDI, 2013). Experiências essas que o permitirão se preparar para o exercício diário da sua categoria profissional que vem acompanhado de demandas constantes de pessoas com desejos, angústias, sonhos e informações que recaem sobre o profissional como um pedido de ajuda; pessoas quem necessitam de uma melhor qualidade de saúde mental.

O que acontece muitas vezes é uma deficiência dessa ética nos indivíduos que almejam entrar no âmbito da clínica, sem antes passar por uma análise própria e verificar se está apto para exercer a função determinada (ou tentar se manter estável na saúde mental), visto que a clínica nos traz diversas perspectivas de adoecimentos, se faz necessário que enquanto psicólogos clínico possamos ter boa estruturas egóicas para assim não projetar nossos problemas pessoais no paciente e destruir todo o percurso criado com o maior cuidado desde o início do acompanhamento, muito menos adoecer junto com o paciente também (MEDEIROS, PINTO JUNIOR, 2006).

Para além disto, também, a falta de conhecimento existente quanto as fundamentações teóricas que são obrigatoriamente necessárias para um psicólogo clínico, independentemente de sua abordagem, indicam uma recusa aos princípios fundamentais IV e V presentes no Código de Ética Profissional do Psicólogo imposto pelo Conselho Federal de Psicologia (2005, p. 7) que diz que:

*IV. O psicólogo atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática. V. O psicólogo contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão.*

O psicólogo precisa estar em contínuo aperfeiçoamento de seus conhecimentos, sabendo que a sociedade está em eterna mudança. Se faz necessário uma busca incessante deste profissional que atua numa área da psicologia onde pode se encontrar todo tipo de demanda, que independe da idade, da condição financeira ou do gênero: a clínica. Como por exemplo: os ideais de identidade sexual e de gênero. Pensemos que alguém do movimento LGBTQQICAPF2K+ (Lésbicas, Gays,

Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queer, Questionando, Intersexo, Curioso, Assexuais, Pan e Polisssexuais, Amigos e Familiares, Two-spirit e Kink) chegue dentro de um consultório e se apresente como não-binária. Como um psicólogo que não entende da história dessa comunidade e de seus desafios, nem que seja por uma leitura básica que o possibilite trabalhar em cima disto, pode ajudar este sujeito?

De início, todos esses conceitos podem assustar aqueles que não tem o conhecimento, mas se pararmos para refletir, o movimento LGBTQ+ é o movimento que possui uma grande maioria de sujeitos que necessitam de uma atenção maior de saúde mental, isto por inúmeros fatores que vão desde o preconceito que começa dentro da própria configuração familiar ou até o sofrimento psíquico por não conseguir ser “alguém na vida” socialmente aceito quando paramos para pensar na dificuldade que existem de empresas ou estabelecimentos contratarem alguém com essa singularidade (CASTRO *et al*, 2014), sendo de grande importância ao saber do psicólogo acerca desses enfrentamentos. O grande diferencial do psicólogo que está dentro de uma constante formação mesmo depois de receber o seu diploma está justamente nessa questão de se disponibilizar para estar sempre atualizado frente as novas demandas sociais, porque é nessa perspectiva também, que o psicólogo deixa de estar preso na sua bolha de teorias e se torna um sujeito científico, que faz e consome pesquisas, referente ao inciso IV do Código de Ética Profissional.

Dentro desta perspectiva, ainda podemos pensar nesse despreparo do profissional frente ao seu compromisso com a Psicologia no seu âmbito científico de estudo e prática com um exemplo que pode ser facilmente refletido. Um psicólogo que se formou na década de 90 e não se instigou a se atualizar sobre o mundo ou até mesmo sobre as informações de sua categoria, poderia continuar a pensar que a homossexualidade é uma patologia, como era em 1990 sugerido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e se daria um diagnóstico para este sujeito sem ao menos estar ciente da problemática. Por outro lado, este profissional também estaria batendo de frente com o conselho de sua própria categoria, que, posteriormente, “passou a proibir os profissionais de realizarem atendimentos às pessoas LGBTQ+’s com a finalidade de reverter à homossexualidade dos sujeitos” (CAMPOS, ALVES, 2015, p. 2).

Isso se torna ainda mais delicado quando refletimos sobre a clínica psicanalítica ser a primeira a adotar disposições sexuais relacionadas a homossexualidade e bissexualidade como normais, e não como patologias. Freud (1856-1905) já falava sobre isso em seus escritos, mais especificamente no livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* onde ele reserva uma seção completa para discutir trabalhos de outros autores sobre a homossexualidade e compartilhar conosco toda a sua fundamentação em cima disso a partir de uma visão psicanalítica, ou seja, numa visão macro: psicodinâmica. E também se torna uma problemática a recusa de acompanhamento deste sujeito quando paramos para consultar o que diz o nosso Código de Ética Profissional do Psicólogo no Art. 2, alínea c, que aponta: “ao psicólogo é vedado: (...) c) Induzir a convicções

políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, p. 9).

Além do Código de Ética Profissional do Psicólogo, também existe o Código de Ética do Psicanalista criado pela Ordem Nacional dos Psicanalistas que nos mostra o artigo 5º apresentando os princípios éticos que os profissionais específicos dessa categoria estão obrigados a seguir e cumprir. Dentre eles, existem dois incisos que nos ajudam na amarração das ideias apresentadas até agora, sendo eles o inciso oito e inciso dez, onde apontam que os psicanalistas devem fazer cumprir: “ (...) 8 – Respeitar todos os credos e filosofias de vida; 10 – Estar sempre em processo constantemente procurando aliar-se ao conhecimento relacionados aos conteúdos da sua função profissional” (ORDEM NACIONAL DOS PSICANALISTAS, 2013, p. 1). O Código de Ética do Psicanalista também trata de incisos sobre denominação, objetivos, atribuições, sigilo profissional, atribuições éticas, direitos profissionais, direitos dos pacientes, responsabilidade do profissional, impedimentos, entre outros.

A falta de ética desses profissionais que não possuem fundamentos basilares acerca de como se utilizar de teoria e prática dentro da clínica se torna uma grande preocupação para a Psicologia de um modo geral. Existe, atualmente, um crescimento massivo de interesse na Psicanálise, o que conseqüentemente aumenta a necessidade de profissionais que entendem da teoria e podem repassar o conhecimento. A questão é como esse conhecimento está sendo passado. Retomamos então as questões apresentadas acerca do preparo do psicólogo em formação ou do já formado juntamente com a ética profissional, tendo aí duas problemáticas existentes: a busca genérica pelo conhecimento durante a jornada profissional e a ausência de comprometimento com a própria ciência psicanalítica por parte de profissionais que visam unicamente os interesses financeiros e não ministram o curso com qualidade. Gerando assim uma grande deficiência dentro do âmbito em seu todo.

Desta forma, se torna indispensável uma atenção redobrada direcionada para a formação do psicólogo desde o seu ingresso na academia frente as questões éticas e morais para que assim continue até o restante de seu exercício profissional. É essencial que se discuta mais sobre a ética profissional do psicólogo dentro das unidades de formação com o objetivo de criar aquele perfil adequado que tomamos como conceito no início da leitura para termos assim uma categoria de profissionais que seja referência nesta tópica, visto que nosso trabalho está intimamente ligado a seres humanos, juntamente com o desenvolvimento de uma consciência ética acima de tudo, já que quando falamos de ética da psicologia em sala de aula, os alunos apenas remetem essa ideia a questão do plágio, e mesmo assim de forma superficial. Assim como também, é essencial que professores de academias possam reforçar as problemáticas da ética e instigar seus alunos a se aprofundarem na temática e realizar pesquisas em cima da mesma, possibilitando assim uma

aprendizagem empírica que é de suma importância, principalmente quando falamos de psicologia clínica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ética profissional necessita ser abordada e enfatizada de uma maneira mais persistente para que possa se tornar um conhecimento inerente a todos os psicólogos desde seu ingresso na academia até o começo de seu exercício profissional, independente da área da psicologia que foi escolhida. A ética precisa estar presente em toda e qualquer configuração social que envolva relacionamento com outros sujeitos.

Partindo do pensamento de que o profissional que almeja entrar no ambiente da clínica de psicologia muitas vezes não se encontra preparado, exatamente por uma deficiência na predisposição de um caráter ético e também pela ausência de informações e técnicas que são necessárias para que ele possa ter uma determinada flexibilidade quando algo inesperado vir à tona dentro do espaço de análise, é preciso que as unidades de ensino que preparam esse profissional para o mercado de trabalho distribua uma atenção maior na formação desse psicólogo.

A ética profissional é de suma importância para a dinâmica existente na clínica e, enquanto profissional, o psicólogo precisa estar sempre buscando informações sobre o principal objeto de estudo dele: o ser humano. E estudar sobre as diferentes possibilidades relacionadas ao ser humano, implica também em estar em um eterno estudo acerca de seus grupos sociais, de condição política, lugar em que está inserido, entre outros. Estudos esses que vão servir de subsídios para um melhor exercício da profissão, além do cumprimento do Código de Ética Profissional do Psicólogo quando o mesmo nos coloca numa posição de profissional e pesquisador, sempre fazendo uma amarração entre estudo e prática.

Esta colocação realizada acima se torna indispensável quando falamos particularmente sobre o Brasil que possui a sua própria realidade particular de vida, apresentando um crescente número de pessoas, e também de determinados grupos sociais, como a população LGBT, que necessitam de um profissional que faça um acompanhamento relacionado a sua saúde mental – prevenção e manutenção – e esse profissional ter a consciência de que está trabalhando com um ser humano que decide expor seus maiores medos e angústias, onde nesse momento a ética é algo fundamental.

Somos levados a concluir então que a ética profissional é de suma importância para o psicólogo, e que a mesma necessita de uma aplicação mais constante dentro da academia para enxertar a chamada consciência ética no consciente do profissional, e criar uma categoria de profissionais que, acima de tudo, enxergam o outro como um sujeito que precisa ser respeitado, especialmente quando este sujeito decide buscar a cura pela fala externando seus conteúdos para o

psicólogo com o objetivo de ser auxiliado. A ética profissional precisa estar dentro de mais do que um livro, precisa estar no caráter e na consciência do profissional que vai exercê-la.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bernardi, C. M. C. N. (2013). O lugar da ética na formação do psicólogo: cuidado e autopoiese. *Periódicos UNESCO*, v. 2, n. 1. Recuperado em 29 de setembro, 2019, de: <<http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/1177/1139>>.

Borges, L. de O., Barros, S. C., Leite, C. P. do R. L. A. (2013). Ética na pesquisa em Psicologia: princípios, aplicações e contradições normativas. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 33, n. 1, p. 146-161. Recuperado em 01 de outubro, 2019, de: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932013000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000100012&lng=en&nrm=iso)>.

Campos, J. L., Alves, J. L. da S. (2015). A invisibilidade da saúde da população LGBT: uma reflexão acerca da homofobia presente nos espaços institucionais de saúde. *VII Jornada Internacional de Políticas Públicas*, Maranhão, n. 6. Recuperado em 30 de setembro, 2019, de: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/a-invisibilidade-da-saude-da-populacao-lgbt-uma-reflexao-acerca-da-homofobia-presente-nos-espacos-institucionais-de-saude.pdf>>.

Castro, C., Luiz, C., Mota, R., Nascimento, A. G., Simpson, K., Souto, K. (2014). Saúde integral da população LGBT – I. *Promoção da Equidade no SUS*, Fortaleza, n. 7, p. 146-191.

Conselho Federal de Psicologia. (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. XIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia. Brasília: Distrito Federal. Recuperado em 30 de setembro, 2019, de: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia-1.pdf>>

Dallazen, L., Giacobone, R. V., Macedo, M. M. K., Kupermann, D. (2012). Sobre a ética em pesquisa em psicanálise. *Psico*, v. 43, n. 1, pp. 47- 54, jan./mar. Recuperado em 29 de setembro, 2019, de: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5163207.pdf>>.

Freud, S. 1856-1939. (2016). Obras completas, volume 6: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos* (11<sup>a</sup>. Ed). (1901- 1905). I Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Garrafa, V. (1999). Bioética e ciência: até onde avançar sem agredir. *Revista CEJ*, v. 3 n. 7 jan./abr. Recuperado em 29 de setembro, 2019, de: <<http://www.jf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/viewArticle/183/345>>.

La Taille, Y. (2010). Moral e ética: uma leitura psicológica. *Psicologia: teoria e pesquisa*, vol. 26, n. especial, p. 105-114. Recuperado em 01 de outubro, 2019, de: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a09v26ns.pdf>>.

Medeiros, D., Pinto Junuir, A. A (2006). Um estudo sobre a estruturação egóica de profissionais hospitalares por meio do questionário desiderativo. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 91-99, jun. 2006. Recuperado em 30 de setembro, 2019, de: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582006000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582006000100008&lng=pt&nrm=iso)>.

Ordem Nacional dos Psicanalistas. (2013). *Código de Ética Profissional do Psicanalista*. Recuperado em 30 de setembro, 2019, de: <<http://onp.org.br/index.php/codigo-de-etica-do-psicanalista>>.

Reis, D. K. dos., Rodrigues, A. da S., Melo, C. M. da S. (2010). A práxis do psicólogo face ao código de ética profissional. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, ano VIII, n. 14, maio de 2010, Periódicos Semestral. Recuperado em 29 de setembro, 2019, de: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/OxkP2L1dUg4UD0u\\_2013-5-13-15-13-1.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/OxkP2L1dUg4UD0u_2013-5-13-15-13-1.pdf)>.

Silva, J. S. da. (2008). Psicologia e epistemologia: por uma perspectiva ética de potencialização da vida. *Aletheia, Canoas*, n. 27, p. 222-232, jun. 2008. Recuperado em 01 de outubro, 2019, de: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942008000100017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000100017&lng=pt&nrm=iso)>.